





Geração da atenção fragmentada: a simulação no enfrentamento da distração digital no ensino de enfermagem

Generation of fragmented attention: simulation as a strategy to address digital distraction in nursing education

Generación de atención fragmentada: la simulación frente a la distracción digital en la enseñanza de enfermería

Amanda Tavares Xavier¹ , João Victor Batista Cabral² ,
Maria Mariana Barros Melo da Silveira³ 

Vivemos um período em que ensinar exige mais do que domínio de conteúdo. Exige a capacidade de disputar a atenção com um universo digital que opera em ritmo acelerado. Estudantes de enfermagem, como parte de uma geração hiperconectada, transitam constantemente entre múltiplos estímulos, como vídeos curtos, memes, mensagens instantâneas, notificações de aplicativos e ferramentas de inteligência artificial generativa. Esses elementos moldam um padrão cognitivo marcado pela fragmentação da atenção, o que tem dificultado o foco e o engajamento dos estudantes em aulas cujos conteúdos são essenciais para a formação profissional em saúde⁽¹⁾.

Nesse cenário, a pergunta central passa a ser: Como ensinar e garantir a participação de uma geração acelerada, que vive sob estímulos constantes e que se acostumou a recompensas imediatas? A educação tradicional, baseada em exposições verbais e em apresentações estáticas, tem se mostrado cada vez menos eficaz. Mesmo o uso de algumas metodologias ativas, como estudo de caso e sala de aula invertida, vem se revelando exaustivo para estudantes hiperconectados. Tudo parece chamar menos atenção do que os celulares e os *notebooks* presentes em sala, que antes tinham o propósito de substituir o caderno, mas que hoje funcionam como acesso direto às mídias sociais e a inúmeras outras distrações tecnológicas.

¹ Universidade Federal de Pernambuco. Vitória de Santo Antão, Pernambuco, Brasil.

² Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, Paraíba, Brasil.

³ Universidade de Pernambuco. Recife, Pernambuco, Brasil.

A urgência é evidente. Precisamos de metodologias capazes de capturar a atenção, convocar o estudante à presença real e promover experiências que consigam competir com o mundo digital. O estímulo às aulas que envolvam práticas profissionais pode ser uma alternativa nesse propósito, porém, quando realizado apenas como repasse de informação de habilidade técnica, tende a fracassar em engajamento e participação.

É exatamente nesse contexto que a simulação realística vem se destacando como uma das estratégias mais potentes da atualidade, capaz de envolver o estudante e estimular reflexões sobre comportamentos e habilidades técnicas e não técnicas. Ao integrar ação, emoção, tomada de decisão e reflexão, a simulação devolve ao ensino, inclusive à enfermagem, algo que a geração da atenção fragmentada raramente experimenta: foco. Diferentemente do consumo passivo de informações comum em outros métodos, a simulação exige participação, responsabilidade e envolvimento. Ela cria um ambiente seguro e dinâmico que favorece o raciocínio clínico, o trabalho em equipe e a tomada de decisões fundamentadas na prática⁽²⁻⁴⁾.

E uma nova pergunta surge: Se a simulação é tão necessária, por que ainda é tão difícil implementá-la amplamente? A resposta costuma surgir rapidamente entre docentes: altos custos de equipamentos, ausência de laboratórios adequados, espaços insuficientes e escassez de insumos. Há, portanto, um paradoxo evidente. Nunca precisamos tanto da simulação e nunca foi tão desafiador oferecê-la em larga escala.

Nesse sentido, é fundamental desconstruir a ideia de que simulação de qualidade depende obrigatoriamente de alta tecnologia e, conseqüentemente, de alto custo. Estratégias acessíveis, como dramatizações estruturadas com atores que podem ser professores e alunos treinados, uso de materiais simples, manequins artesanais, escape *rooms* idealizados de acordo com a realidade e simulações híbridas, podem demonstrar resultados expressivos. O diferencial não está no valor do manequim ou dos insumos, mas no objetivo pedagógico, na elaboração qualificada dos cenários e na condução criteriosa do briefing e, sobretudo, do *debriefing*.

Estudos mostram que o ganho de aprendizagem em simulação está mais associado ao design instrucional e à mediação pedagógica do que ao nível de sofisticação tecnológica dos equipamentos⁽⁵⁻⁶⁾. Investir em capacitações na metodologia de simulação realística e em criatividade se torna, portanto, tão importante quanto investir em tecnologia. Outro ponto central é reconhecer que as mídias sociais e a inteligência artificial já fazem parte da vida cotidiana da população, especialmente dos indivíduos mais jovens, que formam grande parcela do público universitário. Encarar essas tecnologias como inimigas apenas gera frustração diante da realidade contemporânea.

Aceitar, integrar e utilizar essas ferramentas de forma consciente, ética e alinhada aos objetivos pedagógicos pode representar uma estratégia de engajamento e, ao mesmo tempo, uma forma de

enfrentar o uso indiscriminado e distraído que ocorre durante as aulas. Inserir o mundo digital associado a simulação realística pode ser uma soma ainda mais potente e resultar em maior participação e engajamento estudantil. Em vez de combater o digital, podemos aprender com ele e unir forças.

Diante desse cenário, a simulação realística, em suas diversas modalidades, precisa ser tratada como estratégia educacional prioritária na formação em enfermagem. Ela responde diretamente às necessidades cognitivas da geração atual e fortalece competências essenciais para a segurança do paciente, especialmente em áreas complexas como a enfermagem nas áreas cirúrgicas, na urgência e emergência e na terapia intensiva.

A geração da atenção fragmentada exige novas formas de ensinar. A simulação não é apenas mais uma metodologia ativa. É uma resposta contemporânea aos desafios de engajamento, profundidade e significado no processo educativo. Se desejamos formar profissionais capazes de oferecer cuidado com excelência em um mundo cada vez mais digital, precisamos criar experiências de aprendizagem tão complexas, envolventes e instigantes quanto o próprio mundo que nos cerca.

REFERÊNCIAS

1. Shanmugasundaram M, Tamilarasu A. The impact of digital technology, social media, and artificial intelligence on cognitive functions: a review. *Front Cogn* [Internet]. 2023 [citado 10 dez 2025];2:1203077. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fcogn.2023.1203077>
2. Fegran L, Ten Ham-Baloyi W, Fossum M, Hovland OJ, Naidoo JR, van Rooyen DRM, Sejersted E, Robstad N. Simulation debriefing as part of simulation for clinical teaching and learning in nursing education: A scoping review. *Nurs Open* [Internet]. 2023 [citado 11 dez 2025];10(3):1217-1233. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/nop2.1426>
3. Medel D, Reguant M, Cemeli T, Jiménez Herrera M, Campoy C, Bonet A, Sanromà-Ortiz M, Roca J. Analysis of Knowledge and Satisfaction in Virtual Clinical Simulation among Nursing Students: A Mixed Study. *Nurs Rep* [Internet]. 2024 [citado 11 dez 2025];27;14(2):1067-1078. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/nursrep14020081>
4. Foronda CL, Fernandez-Burgos M, Nadeau C, Kelley CN, Henry MN. Virtual Simulation in Nursing Education: A Systematic Review Spanning 1996 to 2018. *Simul Healthc* [Internet]. 2020 [citado 10 dez 2025];15(1):46-54. Disponível em: <https://doi.org/10.1097/SIH.0000000000000411>
5. Koukourikos K, Tsaloglidou A, Kourkouta L, Papathanasiou IV, Iliadis C, Fratzana A, Panagiotou A. Simulation in Clinical Nursing Education. *Acta Inform Med* [Internet]. 2021 [citado 10 dez 2025];29(1):15-20. Disponível em: <https://doi.org/10.5455/aim.2021.29.15-20>
6. Chernikova O, Holzberger D, Heitzmann N, Stadler M, Seidel T, Fischer F. Simulation-based learning in higher education: A meta-analysis. *Acta Inform Med* [Internet]. 2021 [citado 10 dez 2025];29(1):15-20. Disponível em: <https://doi.org/10.5455/aim.2021.29.15-20>